

JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS



Depois do remarcavel DIA DE NOSSA SENHORA DA GLORIA, cuja pomposa festa, celebrada na sua linda igreja do alto do morro do mesmo nome, abalou, como sempre, o povo desta capital; o mundo elegante, que nesse dia estreava novos e deliciosos *toilettes* sobre os folos coxins de suas garbosas carruagens, realçando de mais encantos o aspecto prazenteiro dessa agradável romaria de um movimento constante e alegre, ainda não descansou, ainda não cedeu o sceptro do seu predomínio á insupportavel insipidez e á desenxabida monotonia dos dias tristonhos. Fascinador e incansavel, derramando os enfeitados effluvios de seus encantos e de suas graças, o mundo elegante presidiu em toda parte os bailes e *soirées* que se succedião rivalizando de incentivos.

Foi uma semana de enlevos ao sol puro de seus dias alegres e ao prateado luar de suas noites arrebatadoras.

A esplendida *soirée* da *Phil' Euterpe*, em anniversario da sua installação, os bailes das sociedades *Militar*, *Campestre*, *Vestal*, *Sylphide*, e as variadas funcões particulares, nos attestão a animação desta semana de rosas que nos deu dias e noites tão bellos.

Estive nos meus geraes toda esta semana, querida leitora.

Se vos disser que só por alto passei os olhos pelos jornaes francezes, não exagere, digo-vos a verdade: não tive tempo para tanta coisa.

Está me parecendo porém que não perdestes nada nesta falta em que incorri, porque nada teria de novo a contar-vos, ainda mesmo lendo com toda a miuha attenção todos os meus doze jornaes.—A moda em Pariz não tem feito por ora nenhuma alteração ás suas ultimas prescrições.

A não serem os chapéus muitissimo pequenos, cujos diferentes e delicados feitios fazem crer que as modistas de Pariz tomáráo de capricho este ornamento do *toilette* para levarem-no ao mais apurado gráo de sua perfeição artistica, tudo mais continua no mesmo estado.

Oh! é admiravel o trabalho singular, o gosto todo novo, dos ultimos chapéus que vierão á casa de M.^{me} Barrat. Com suas abas muitissimo pequenas, elles tomão as formas mais elegantes que se podem imaginar, e tornão-se um capricho da moda de mui particular distincção. Descrevê-los com todas as suas novidades, seria um nunca acabar, querida leitora, mas dizer que são lindissimos, é não faltar ás leis do bom gosto.

O armazem de M.^{mo} Hortense Laccarrière, apresenta-nos também um bello sortimento destes novos chapéus, que nada deixão a desejar ás exigencias do bom-tout.

Examinai, fazei *gyrar* magneticamente um destes delicados chapelinhos, por entre vossas assetinadas mãosinhas, e dizei depois, se a Christina não vos é fiel nas suas explicações. Mas enquanto vós deliberais a fazer mais uma visita á rua do Ouvidor, tende a bondade de ler a descripção da estampa que vos offereço hoje.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUÁRIO DE CRIANÇA DE QUATRO ANNOS. Um menino — chapéu-tocado á Henrique III, guarnecido de fita e de uma pluma.

Camisola de batista, de pregas soltas fechadas no pescoço por um collarinho bordado.

Dalmatica de popelina de seda *gris-perle* bordada de grega branca e cor de ginja. O corpo desta dalmatica, que fluge uma jaquetinha com jaleco igual, continua nas costas em basquine inteiriço.

Calcinha de batista com entremeios bordados.

Sapatinhos e polainas. O sapatinho de verniz preto, as polainas de popelina parda.

TOILETTE DE ESTAR EM CASA. Penteados (cabellos louros) em bandós retirados e presos na trança. Um grosso torçal, composto de cabellos e veludo preto, corõa a cabeça, formando o veludo nma trança que fecha em laço no amarrado do cabelo.

Vestido de tafetá azul com a disposição em veludo preto; isto é, com bordados em veludo preto estampados na mesma fazenda para os folhos e guarnições. O corpinho fórma uma *vestia-basquine*, alta nas costas e aberta adiante até abaixo do peito. Elle é todo em volta guarnecido de fita estreita de veludo preto. Com os pequenos bordados, que vem orando as barras dos côrtes de vestidos á disposição, habilmente está enfeitada a *vestia-basquine*. Tres fórmão alamares de cada lado da abertura, e sete guarnecem a basquine. Cada um destes pequenos ornamentos é enfeitado em roda de renda preta estreita.

As mangas têm iguaes guarnições.

A saia é ornada de tres volantes aveludados com bordaduras de veludo preto batido.

Collarinho de *quipure* em camisinha de cambraia com folho em preguinhas fechando a abertura. Mangas de filó formando dous fôfos; um volante de *quipure* cahe sobre elles, e uma pequena renda fórma o punho.

TOILETTE DE MOÇA DE QUINZE A DEZOITO ANNOS: Cabellos em duplices bandós, ondeados e levados igualmente para cima. (Diz o *Moniteur de la Mode* — como se pentêa a imperatriz, e conforme a moda das nossas ultimas noivas.

Vestido em musselina da India liso. Corpinho afogado, franzido todo em volta do pescoço. Mangas largas fechadas por um pequeno punho guarnecido de uma rendinha estreita. Saia larga e lisa.

Avental de corpinho fechado atraz com saia de tafetá rosa. O decote do corpinho é guarnecido de um crespo miudo; assim como as pequenas mangas. A saia é mais curta que o vestido, e fechada atraz por quatro laços de tafetá. As algibeiras são rasgadas, direitas, cercadas de pequenos botões, e enfeitadas, cada uma, com um laço de tafetá rosa.

Luyas de renda.

Cattete, 19 de Agosto.

Christina.

ROMANCE. *

A CONFISSÃO DE UM SUICIDA.

I.

Erão onze horas da noite: uma luz morticia esclarecia haçamente o estreito espaço de um casebribo de palha.

As rajadas do vendaval, que se introduzião na choça, fazião balacear uma lampada que rangia com o compasso dos guinchos dos môchos, e que se ouvia de quando em quando por entre o rugido de uma trovoadá infernal.

Quem ahí entrasse nessa occasião, se julgaria dentro de um tumulto, cavado n'um deserto desampado, em noite de tempestade.

Entretanto, n'um canto dessa habitação lugubre, um moço estava ajoelhado sobre a terra revólta de uma sepultura escavada de fresco.

Tinha os braços cruzados sobre o coração, a cabeça curvada por uma meditação pesada, e o corpo se lhe dobrava, como a hastea de uma flôr ao sopro da viração.

Immovel, como a estatua das campas, livido como a face de um cadáver, se diria o anjo do cemiterio orando pela paz dos tumulos.

Junto delle havia uma urna de bronze, cinzenta como a poeira da cova, da qual parecia desenterrada naquelle instante.

Era um moço que representava ter vinte annos; mas vinte annos enyelhecidos por uma dessas magoas, que estalão a alma com suas crises de agonias.

Seus grandes olhos pardos tinham um olhar morbido, como o olhar do somnambulo, — como o derradeiro golpe de vista do moribundo.

Seus cabellos compridos encobrião-lhe a testa que revelavão sua grande intelligencia.

Sua cabeça era o busto do genio; e quem

* Um incidente, que não podemos remediar promptamente, inutilizou os originaes do segundo volume do romance — A DAMA DAS CAMELIAS —, e nos priva por ora de publicarmos a continuação deste romance. Mas, logo que novos originaes estejão promptos, nós proseguiremos na publicação.

visse-lhe o semblante diria, que a pallidez lhe tinha penetrado os musculos.

O campanario de uma aldeia visinha, souu meia noite; e os sons lugubres do sino vierão acordar do pesadelo, em que jazia esse moço, que ha pouco o estampido dos trovões não tinha podido abalar. Um suspiro dolorido annunciou o seu despertar.

A immobibilidade da estafua se trocou no tremulo broxular de um cyrio, que esclarece uma eça de fitado.

Ouviu-se então uma voz fraca, como um *ai* de donzella, e estas palayras pronunciadas na prostração, com a solemnidade do sentimento.

« Eis chegado o ultimo dia de minha vida; é mister cumprir a ultima missão de meu destino: — depois... consagrarei ainda um momento á memoria de minha mãe, e só me restará morrer. »

Calou-se: — passou a mão pela frente, como quem apartava uma idéa que lhe queimava o cerebro; — apertou o coração com um punho de ferro, como quem pretendia quebrar o sentimento que o atormentava; e hirto.... e inteiriçado — cahiu de bruços, com os labios collados sobre a terra da cova.

Tinha desmaiado, — dormia.

II.

Erguen-se de repente.

Forte agora, com um passo firme e movimentos desembaraçados, era uma imagem representando a immortalidade — um desenho da resurreição.

Seu rosto tinha a expressão do crime, — os traços da vingança — os toques de uma resolução implacavel.

Encaminhou-se á um canto do casebrio, e suspendeu por um argolão de ferro o alçapão de um subterraneo.

« Vinde, disse elle com uma voz altiva, como uma ordem.

O moço sentou-se e cruzou os braços.

Um momento depois uma mulher appareceu no ultimo degrão da escada do subterraneo.

Era uma apparição diaphana, bella, joven e triste: desvanecida, atormentada e palpitante, como uma dessas Arianes de Vaulóo.

Sim, bella como o ideal da primeira affeição do poeta, como o anjo do amor, como a estatua da belleza.

Soffria!... — em seu olhar lia-se a historia do martyrio, seu olhar que adormeceria a quem o contemplasse, infiltrando um sonho, como um sonho de Chénier, como as illusões do romantismo da alma.

E tão joven ainda!....

Sobre suas pulseiras de ouro rolavão dous grilhões de ferro, que algemavão-lhe os braços, tão alyos e mimosos, como se fossem de alabastro buruido, burilados pelo buril delicado de Cauóva.

Seus hombros, que Balzac compararia com os de Venus de Millo, erão magoados por uma grossa corrente, cujo peso fazia-lhe dobrar a cabeça — uma cabeça loura, como Benevenuto, nunca sinzelára no ouro.

Trajava um rico vestido de seda branca, um véo e uma capella de noiva.

A corrente que lhe atava a cintura, sua cintura de sensitiva, machucára-lhe a larga fita branca, cujas pontas arrastavão no chão, já sujas de lama.

Tremula e tímida, seu aspecto era o de uma santa roubada do Céu, e que se achava no inferno perante o throno de Satanaz: sua fronte era doce e terna, como a flor da açucena, e suas mãosinhas exprimião uma supplica que os labios não articulavão.

E esse homem não se enterneceu!.... Elle talvez tivesse baixado os olhos de proposito.

« Mulher, disse o mancebo, recommendai vossa alma á Deus, e dizei-me vossa ultima vontade. Ides morrer á ponta de um punhal, que minha mão vos enterrará no coração; — fallai. »

A moça tremeu toda, como uma folha secca, que a viração despega do talo já murcho: mas de repente, calma, como a resignação, socegada como a tranquillidade, respondeu.

« Alfredo, protesta por tua honra que has de matar-me; eu te revelarei minha alma neste momento. »

O moço não respondeu, que essa voz lhe emmudecera, commovendo-lhe o coração.

« Promettes? tornou ella.

O semblante do mancebo já tinha retomado a sua expressão criminosa, e sua fronte agora ainda mais rugada, revelava com mais força a sua resolução inabalavel.

Ergueu os olhos, e impassivel perante essa estatua da ternura, disse com uma falla cheia de raiva e desdem.

« Mulher vaidosa, ainda crês que eu te amo?!... ainda desconfias que eu não tenha a coragem de vingá-me?!... »

« Meu amor converteu-se em odio; e tu sabes como eu te amei.

« Queres uma garantia de minha promessa?

« Sim, disse a moça.

O mancebo fez uma pausa, como quem vacillava, e respondeu rangendo os dentes.

« A minha vingança.

« Não é bastante, disse ella.

« Juro pelas cinzas de minha mãe.

« Ainda não.

« Oh!! disse o mancebo no cumulo da excitação; eu me trahi, embora a mascara da hypocrisia tapasse a teus olhos esse semblante que tantos annos estudaste. Pois bem! juro matar-te, como uma penitencia para o remorso dos crimes que me fizeste commetter, porque eu te amo ainda mulher perfida, como outrora eu amava a innocente donzella que me reconpensava.

« Agora, sim, disse a moça com um sorriso nos labios: ouve-me.

III.

« Só tenho um remorso em minha alma, só tenho uma supplica a fazer-te; mas.... »

« Consagra-me esses ultimos momentos que tenho de viver, tu que tens ainda tantos annos de vida; esenta-me.

« Tinha doze annos, quando te vi pela primeira vez.... n'um baile, onde me pediste uma valsa.

« Talvez ainda te lembres que rejeitei tantos

pares, para dal-a á um meuluo que trajava uma fardeta de mariuha.

« Duas lagrimas rolãrão pelas faces do moço.

« Foi uma sympathia tão grande que te dediquei, que o tempo que passou sem ver-te segunda vez... eu morria de saudades; — minha consolação era no piano tocar essa valsa, ao som da qual eu valsei contigo, no mesmo tempo talvez que á bordo de algum navio a tocavas em tua flauta na solidão do alto mar.

« Tu mesmo m'o disseste depois.

O mancebo arrancou um suspiro, e a moça proseguiu.

« Ainda não sabia amar como uma moça, mas amei-te como uma menina ama seu irmão.

« Só no mundo... sem mãi, que não cheguei á conhecer, — sem pai, que tinha perdido antes de saber presal-o, — reduzida apenas aos retratos delles, — eu te dei o primeiro amor de meu coração — um coração que ainda não tinha sentido affeição alguma — nem mesmo a de filha e irmãa....

« Oh! como eu devia de te amar — como eu te amei!

« Como te amei Alfredo! — mais do que ninguém amou aos doze annos, que nessa idade se tem mãi, pai, e irruãos para se amar; — e eu tinha a ti só.

« A ti só, a quem eu consagrava meus unicos cuidados, em quem eu pensava sempre, embora entretida a fazer meus *crochets*, meus bordados, ou a estudar minhas lições, — por quem eu orava em minhas orações da Missa, e com quem eu sonhava todas as noites.

« Se ainda não sabia amar como uma moça, amei-te como uma menina ama seu irmão.

« E que amor mais puro, mais lindo, mais santo, que o de uma irmãa!....

« Quantas vezes não me disseste, que não querias que eu fosse *coquette*, nem vaidosa, que querias que eu te amasse por ti só, que te desse um amor desinteressado, sincero e constante....

« E eu ouvia teus conselhos, e teus conselhos me persuadião que eu te amava, como desejavas, porque o amor de irmãa, o unico amor que eu tinha, o amor que eu sentia por ti, era sincero, desinteressado e constante.

« Acostumei-me a amar-te assim; e quando cheguei á idade de moça, reconheci a grande verdade de um escriptor inglez, que li n'um livro de teus apontamentos de litteratura: — quando dous individuos se começam a amar, desde a idade em que não é possível conceber — AMOR — assemelham-se a um rio que tem cavado seu leito e que não muda mais d'elle.

« Mas eras sempre tu, Alfredo, o ente que eu mais amava no mundo.

« E não forão sempre estas palavras que eu repeti, quando sentado junto de mim, tu me pedias que nunca te enganasse; que não me odias, se algum dia do futuro te dissesse francamente — não quero mais teu amor —, e que ao contrario nunca me perdoarias se te illudisse?!

« Eras tão ciumento Alfredo; e entretanto te convenceste algum dia, que eu amava um outro?!

« Não me confessaste tantas vezes, que tinhas ciumpes, somente porque me amavas muito, e julgavas-te indigno de merecer o meu amor?!

« Quando embarcavas, eu gastava o tempo da tua ausencia á ler tuas poesias, e os romances que me designavas, ou á cantar alguma modinha, cuja letra fosse composta por ti, e aquellas de que gostavas mais.

« E quando acabava, parecia-me ainda ver-te junto de mim — mudo — mas com um sorriso que eu preferia á todos os applausos que me dirigião.

« Recordas-te de uma noite em que estavas enfadado, e sem dares-me attenção, te pozeste a ler, enquanto me pedião para cantar?

« Ainda me lembro que depois.... quando fui-me sentar ao teu lado, me mostras-te, no livro que lias, estas palavras que eu copiei no fundo da alua: — quando cantas, tua cabeça assenelha-se á nobre cabeça, com que Carlo Dolci quiz representar a Italia. —

« Era nestas occasiões que eu me convencia, que amavas-me; porque me contemplavas des-cuidado, que parecias a estatua da admiración.

O moço tinha a cabeça amarrada nos braços, os quaes se apoiavão sobre o encosto da cadeira, soluçando anciado, que seu corpo arfava de uma maneira espantosa!

« Oh! inda me amas — Alfredo, arranca-me estas correntes pesadas, para que eu tenha forças de contar-te a phase mais dolorosa de minha historia.

O mancebo levantou a cabeça. A febre lhe tinha seccado as lagrimas: sempre o mesmo semblante severo, sempre a mesma expressão inextravel — apenas se diria que tinha envelhecido mais dez annos.

E' que, disse Soulié, quando uma decepção não mata completamente o sentimento, redobra a sua força no coração.

E' que o amor, disse Chateaubriand, é o fogo que accende a tocha que elle mesmo consome.

Quando esse moço contemplou essa mulher tão bella, e que elle amava tanto, gemendo esmagada sob o peso dos ferros, era mister que fosse inflexivel, como a impiedade, para responder-lhe com uma voz tranquilla.

« Continuai, disse elle: o soffrimento não mata, que eu ainda vivo.

Sua feição fria e terrivel, lembrava Bertram, o mysterioso companheiro de *Robert do Diabo*, ou o impassivel pagem de *Lara*.

Uma lagrima tremeu no puro azul dos olhos da moça, que Byron compararia com uma gota de orvalho no calix de uma violeta.

Houve um momento de silencio.

(*Continua.*)

MULHERES CELEBRES.

Julgamos prestar um valioso serviço ás nossas leitoras, tornando-lhes patentes e conhecidos os nomes das mulheres que se celebrisarão nos seculos passados, quer como artistas, quer como litteratas.

Quando nos aventurámos a emprehender semelhante trabalho, não tivemos em vista senão



Publ. Dore



LE MONITEUR DE LA MODE

Publié par M. Mathieu, Directeur de l'Établissement de la Mode, 10, rue de la Harpe, Paris. Ce journal est destiné à donner aux dames les dernières nouvelles de la mode, et à leur offrir des modèles de costumes et de coiffures. Il est publié tous les jours, le dimanche excepté.

Paris chez Mathieu, au

arredar de sobre o sexo feminino a presumptuosa calunnia, de que elle nada possui de seu na republica das letras e no reinado das artes; compilámos aqui e ali as mais exactas e desapaixonadas biographias que se ha escripto, e, quanto não apresentemos uma lucubração nossa, supponmos entretanto que não é ella menos digna de occupar a attenção das senhoras contemporaneas, e de alguma sorte capaz de servir de incentivo a muitos genios que se occultão nas trevas da indifferença, guiados talvez por mal entendido receio de se arrancarem o véo em publico.

Oxalá que em épocas remotas veção os vindouros registados nas paginas escriptas pelos biographos de seus dias os nomes que a actualidade, por ignoral-os, deixa de estampar no livro de ouro, onde se inservem as notabilidades! Oxalá que o futuro lhes faça justiça, e aos centumares de estrangeiras, que ennobrecerem as recordações passadas, reuna patricias nossas, de cujos talentos e illustração a ninguém é dado duvidar!

J. P.

A

ADELAIDE DUFRENOY, poetisa, litterata; nasceu em Nantes, em 1765, e morreu em 1825. Legou á posteridade, não só poesias de merecimento, como tambem, cuidando no que mais faltava á sociedade, algumas obrinhas sobre a educação, obrinhas de não mesquinho valor.

AGALLA CORCYRA, natural de Corfu; habil na grammatica, abriu uma escola publica em sua patria, onde leccionava.

AGOSTINHA BARBOSA DA SILVA, Portugueza; soube muitas linguas, das quaes se servia com summa delicadeza e pronuncia fiel: a architectura e a arithmetica erão-lhe tambem conhecidas. — Escreveu em latim: *As vidas dos cinco primeiros monarchas portuguezes*, e um *Opusculo de Arithmetica*; que foi publicado com supposto nome.

AGRIPPINA, filha de Germanicus e de Agrippina; esposou em primeiras nupcias Domitius Oenobarbus, do qual teve o tão celebre quão cruel Nero. Tornou-se a casar com seu tio o imperador Claudio, adiantou-lhe a morte, e fez dar, com prejuizo de Britanicus, o throno á seu filho Nero, que mais tarde a estrangulou (no anno de 59) para ver o lugar onde tinha sido gerado. A belleza dessa mulher era igual á dissolução dos seus costumes; não obstante, ercou na cidade dos Ubienses, onde nascêra, uma colonia que chamou-se — *Colonia Agrippinensis*.

AGCEDA DEREN, poetisa; nasceu em Amstelveen (Hollanda), em 1741, e morreu em 1804. Escreveu *Sara Burgerhart*, romance nacional; *Cancões economicas*, e associada com Maria Bosch e a Sra. Wolf, elegantes *Fabulas*.

ALEXANDRA SCALA, poetisa de admiravel erudição. Conhecia á fundo as linguas latina e grega: seu talento foi tão portentoso, que com quinze annos compunha e improvisava versos de uma belleza arrebatadora. — *Muruli* o poeta, confessou que com ella se casára para aprender a poetica.

ALVILDA, filha de Syvard, rei dos Godos. Querendo seu pai casal-a com Alfo, e tendo-lhe sua mãe feito ver que de vergonhas lhe traria o matrimonio, preferiu antes abandonar o tecto paterno e tornar-se salteadora, do que soffrer taes affrontas. Na vida errante que abraçou, acompanhada de outras donzellas, mostrou que o valor feminino sobrepuja o do homem, quando é justa a sua causa, e por mais de uma vez, sendo perseguida por soldados aguerridos, obrigou-a que estes a invejassem. Em 850 teve Alfo a recompensa de suas batalhas, recêbendo a mão de Alvilda, que, vendo-o tão bravo e perseverante em conquistal-a, mas tão generoso e cavalheiro, que nao ousou ferir, nem molestar as suas adversarias, desistiu da sua empreza, e deu a palma ao vencedor.

AMADA CECILIA RENAULT, filha de um negociante de papel. Encolerizada pelas injustiças e horrores do revolucionario Robespierre, armou-se com arma homicida, e tentou assassinal-o; sendo porém mal succedida e condemnada á morte, foi executada em 1794.

AMELIA JULIA CANDEILLE, nasceu em Pariz, em 1767, morreu em 1854. Grande actriz do theatro francez, distinguiu-se tambem na litteratura, escrevendo algumas peças dramaticas e varios artigos litterarios

ANAGORA, da cidade de Mitilene, insigne poetisa. Attribuc-se-lhe a invenção do *verso lyrico*.

ANASTACIA, Romana, escriptora ecclesiastica. Catholica ardente, no tempo em que a religião não era permittida, escreveu a seu mestre Grisonogo uma epistola para animal-o quando preso pela Santa Fé, epistola que promoveu-lhe o degedro para a ilha Palmaria (501).

ANGELA AIROLA, freira em Genova, pintora do XVII seculo. Muitos dos seus quadros existem conservados em diversos conventos da sua patria.

ANGELA MERICI, fundadora das Ursulinas. Nasceu em 1511, morreu em 1540.

ANGELA NOGAROLA, nasceu em Florença, em 1459. Poetisa não mediocre, escreveu a *Escriptura* em verso, e *Eglogas*.

ANGELINA DE CORVOARIA, nasceu em 1577, morreu em 1455. Dada ao estudo desde a infancia, possuiu na mocidade um talento admiravel. Senhora do latim, serviu-lhe elle para colber nos sabios da antiguidade os necessarios themas para seus sermões, pregando Angelina na cidade de Civitella, onde morava. Deu exemplo de fundações religiosas em seu paiz, erigindo em Taligno o convento de Santa Anna, e com outras jovens creando o Instituto da Ordem de S. Francisco. Foi nomeada por breve de Martinho V, e por petição da ordem, *Ministra Geral* dos conventos e casas de caridade.

ANNA AMELIA, prínceza da Prussia, irmã de Frederico II. Celebrizou-se pelo amor intimo e grande protecção que votava ás artes e artistas. Nasceu em 1725; morreu em 1787.

(Continúa.)



POESIA.

GENOVEVA!

AO SR. JOÃO CAETANO DA SILVA
E SUA SENHORA

Por occasião da infausta morte de sua filha a Sra.

D. Genoveva Maria da Silva.

I.

Na soleira do mundo reclinando
A fronte virginal, adormeceste,
Deixando nos teus labios de donzella
Vagar triste sorriso!

Aos bafejos da brisa offerecias
O calix recendente; — eis-te prostrada,
Branca açucena dos jardins do mundo,
Da morte ao frio sopro!

As rosas da innocencia te corôão,
Um véo de pallidez te cobre o rosto
Sereno e bello; cerras os teus olhos,
E parecez dormir!

Dorme, dorme, linda virgem,
Sonha c'os anjos dos céos;
Dorme, dorme, só despertes
Junto do throno de Deus!

II.

Foi breve o teu viver, mas foi ditoso!
Deslisou teu baixel em mar sereno,
Não conheceste as syrtis temerosas;
Desfolhaste tua flôr de primavera,
Não viste sob as folhas duro espinho;
Nem tuas candidas vestes de donzella
As sarças te rasgáão da existencia!

Foi breve o teu viver, mas foi ditoso!
Ouviste o doce ciciar da brisa,
Viste erguer-se a manhã do róseo leito,
E a onda suspirando mansamente
Beijar-te as plantas murmurando — **ES BELLA!**
E em torno a ti a natureza alegre
As graças despender, mostrar sorrisos!

Foi breve o teu viver, mas foi ditoso!
Que não ouviste o furacão bramindo,
Nem viste a noite ennegrecer os ares,
O oceano em escarcéos erguido
Com voz irada esbravejando — morte!
E em torno a ti a natureza afflicta
Entre dôr e tormento estortegar-se!

Não conheceste mentirosas frases,
Falsos sorrisos, estudados gestos;
Nem nodoaste a tunica tão pura
No lodaçal do mundo; nem perdeste
Tuas melgas illusões, teus sonhos d'ouro!
Não mais por ti o pranto se derrame,
Foi breve o teu viver, mas foi ditoso!...

III.

Rosa ao nascer desfolhada,
Harmonia começada,
Que um gemido suffocou;
Ou celeste mensageira,
Nívea estrella passageira,
Qu'uma nuvem occultou;

Nota de lyra partida,
Ou canção interrompida
D'un anjo que ao Céu voou;
Pensamento começado,
Sorriso mal desenhado
Que uma lagrima cortou;

Luz do Senhor radiosa,
Flôr dos céos melindrosa!
Que á tua patria voltaste;
Alma candida e divina,
Formosura peregrina
Que tão cedo te finaste;

Lá dos justos na mansão,
Da celestial Sião,
Volve á terra um doce olhar;
E vê o pranto saudoso,
Ouve o gemido queixoso
De tua mãe a soluçar!

IV.

E quando a noite desdobrar seu manto,
Em tuas azas d'archanjo equilibrada,
Vem pairar sobre o leito onde repouse;
Murmura-lhe ao ouvido os doces nomes
Que em vida, carinhosa, tu lhe davas;
Conta-lhe que no Céu vives ditosa,
Que por ella á Jehovah tu intercedes;
Infunde-lhe no peito a paz, a calma,
E um osculo d'amor p'ra sempre enxugue
As lagrimas pendentés dos seus cilios!...



Nada foi creado sem motivo.

LEGENDA ALLEMÃO.

Um poeta allemão suppõe que o santo rei David, dirigindo-se um dia ao Senhor, lhe perguntou a razão por que havia creado as moscas e as aranhas, que não têm prestimo algum neste mundo. « Um dia te farei conhecer » respondeu uma voz sahida do centro das nuvens.

David desceu certa occasião do monte Hachila, e se internou no campo de Saul, para lhe roubar as suas armas e a sua taça. Havendo conseguido o seu proposito, quiz retirar-se; mas embarçou os pés entre as pernas de Abner, que descansava junto de Saul; por muito tempo ficou immovel e afficto, porque o menor movimento que acordasse Abner o perderia infallivelmente.

Mas Deus permittiu que uma mosca mordesse levemente Abner, e o obrigasse a volar a perna sem acordar.— David sahiu logo do campo, dando graças ao Senhor de ter creado as moscas.

Comtudo, Saul perseguiu o seu inimigo até o deserto. David, para lhe escapar, escondeu-se em uma caverna; Deus immediatamente mandou uma aranha; que, dentro em pouco, urdiu a sua tãa diante da estreita abertura deste asylo.

« Se elle tivesse aqui entrado, esta tãa de aranha não estaria inteira » respondeu Saul aos que dizião que se entrasse dentro da gruta; e continuou em seu caminho.

David se prostrou sobre o pó, e exclamou: — Bem depressa, Senhor, me haveis illuminado: perdoa-me, Jehovah, e asseguro-te que nunca mais a menor duvida entrará em minha alma. Sim, as aranhas e as moscas têm utilidade sobre a terra; o que tu dizes é sabio e prudente; o que tu fazes é justo e santo.

Viscondessa da

O amor filial da moda.

Diz o *Moniteur* com um chiste de fazer rir a não poder mais: « Um dos nossos mais elegantes cavalheiros tinha prohibido ao seu criado do quarto, que, por mais forte que fosse o motivo, jámais fosse interromper o seu somno quando dormia. Uma noite, em que o nosso tãful, depois de um dia todo gasto com as bellas no theatro, no jogo e nos prazeres, se recolheu cansado e abatido; ainda não era bem passada uma hora, quando vierão chamar á toda a pressa o criado do quarto, para communicar-lhe que o pai de

seu amo acabava de morrer de um ataque apopleptico, e que sua afficta mãi reclamava com instancia a sua presença. O bom do criado julgou o caso tão urgente, que não duvidou infringir desta vez as positivas ordens de seu amo. Dirige-se ao quarto, e achando-o profundamente adormecido, procura acordal-o com a maior attenção, abanando-o ligeiramente; e dizendo:

Senhor! senhor!

— Maldito! que queres? Não tenho ordenado positivamente que nunca venhas acordar-me?

— É verdade, senhor; porém o caso....

— Qual caso? Acaba com a fortuna; ou deixa-me.

— É que vosso pai.... — Então que tem meu pai?

— É fallecido, senhor. — Que dizes, homem?

— Infelizmente a verdade. Um ataque apopleptico acaba de roubar-lhe a vida.

— Oh! meu Deus! que pena não terei amanhã quando acordar! Prepara-me o meu vestido preto....

E voltando-se para o outro lado, tornou a adormecer.

Singular legado de um criminoso.

Entre as ultimas disposições de Eduardo Clarke, executado em Chelmsford, na Inglaterra, encontra-se o seguinte artigo curioso:

— Eu Eduardo Clarke, que espero morrer dentro em poucas horas, sinceramente desejo, e declaro ser a minha ultima vontade, que depois de minha morte se dêem tres dos meus dedos aos meus tres filhos, como um aviso para elles, porque os meus dedos forão a causa de eu ir acabar na força, deixando minha familia reduzida á miseria: igualmente peço aos Srs. Collis e Brown (dous companheiros seus de prisão), que tenham a bondade de fazer que isto se cumpra, pois que elles bem sabem quaes os dedos que se me devem cortar, porque a meus rogos os marcãrão com tinta.

A ultima vontade de Clarke foi cumprida. Um cirurgião, depois da execução, lhe cortou os dedos, que forão facilmente entregues a seus filhos. Não sabemos porém o apreço que elles fizêrão do seu legado.

THEATROS.

I.

Para longe, para longe o máo tempo, que o tremor do timoneiro me exaspera, e o zabumba mal compassado atormenta-me a cabeça.

II.

Porque não toca rabeca o regente da orchestra?! Porque não quer, ora é bem boa! porque um regente não precisa tocar rabeca, assim como um cantor, para vir cantar ao Rio de Janeiro, não precisa ter boa voz para ser escolhido. Basta ter bom corpo, bom tamanho, altura, volume, ou como melhor quizerem chamar.

III.

Basta, sim, minha senhora, pois não basta. V. Ex. bem sabe que para o Rio de Janeiro.... ora, para o Rio de Janeiro....

IV.

Pobre Stoltz..... já lhe tinham repetido a mesma cantilena, e por isso perdemos-a embebida nas arrogancias que lhe emprestarão os *lambedores e aguas de Colonia*. Porque ella seria nossa ainda hoje, bem docil e obsequiosa. Mas a artista tambem era muito achacada.

V.

Ora por quem é não fallemos nestas miserias; tambem V. Ex..... com effeito! — Pois bem, víremos a folha; vejamos o que está escripto:

VI.

MARINO FALIERO, musica de Donizetti, quarta e sexta feira, no theatro lyrico. Foi bem desempenhada, mereceu aceitação. — *Récipe*: Vá á scena tantas vezes quantas forem precisas para cahir a opera em aborrecimento.

VII.

Sr. Director, os dilettanti do Rio de Janeiro são (por ora, lá para o seculo que vem sera talvez outra cousa) os mesmíssimos todas as noites; as mesmas caras, os mesmos olhos, os mesmos velhos, os mesmos moços, as mesmas calvas, e até os mesmos namorados. Entende o que quero dizer na minha?

VIII.

Mas a Sra. Miró! A Sra. Miró como se foi no tablado de S. Pedro? Foi-se muito soffrivelmente. A contento apresentou-se ao respeitavel, e a contento teve transportes desempenhados com toda a natureza que merecêrão applausos geraes no drama *Magdalena*, em que estreou. Penso que será escripturada. A Sra. Miró tem muitas disposições para a scena dramatica; e quando perder um certo sofaque..... Valha-me Deus! estou hoje bem pouco indulgente!

IX.

Quando teremos o prazer de ver em scena o nosso Talma brasileiro?

X.

Esperemos. Elle foi chamado á scena; ali recebeu ovações, coróas, grinaldas, e o povo em massa lhe pediu desejeoso que não desamparasse o palco dramatico. O que mais ambicionar? Oh! a noite de quinta feira deverá recordar ao Artista brasileiro mais uma demonstração não equivocada dos seus amadores, e mais um dever a cumprir quanto antes. Esperemos.

Estrella.

AS IRMÃAS DA CARIDADE.

Em o navio *Mineiro*, procedente do Havre, chegarão na quinta feira triuta e quatro Irmãs da Caridade com destino á Santa Casa da Misericórdia, para serem incumbidas de diversos estabelecimentos pios desta côrte. Não nos fartaremos de agradecer ás philantropicas pessoas que têm concorrido para a vinda destas tão uteis senhoras, que tantos serviços já têm prestado em tão pouco tempo no Rio de Janeiro. Mil benções do Céu desçam sobre a cabeça daquelles que fervorosamente trabalhão em beneficio da humanidade enferma e desvalida: elles trabalhão pela prosperidade de sua patria.

CHARADA.

Sem mim, logo morrerias, 1
Todos me gostão comer, 1
Que sou eu? Arma terrivel!
Mato, p'ra fazer viver.

A decifração da charada do n.º 55 é: *Arbusto.*

Acompanha este n.º 54 uma estampa de figurinos de vestuario de estar em casa.